

dramaturgos
portugueses
contemporâneos

ARLEQUIM NAS RUÍNAS DE LISBOA

Norberto Ávila

3

ESCOLA SUPERIOR
DE
TEATRO E CINEMA

AUTORES PORTUGUESES, nº 3

Colecção dirigida por José Valentim Lemos

© Norberto Ávila, 1992

Edição: Centro de Documentação e Investiga-
ção Teatral. Lisboa 1992

Escola Superior de Teatro e Cinema

Grafismo: José Espada

Composição: Conceição Costa

dramaturgos
portugueses
contemporâneos

ULFL ON 00 229



ARLEQUIM NAS RUÍNAS DE LISBOA

Norberto Ávila

3

ESCOLA SUPERIOR
DE
TEATRO E CINEMA

ARLEQUIM NAS RUÍNAS DE LISBOA

Comédia de maus costumes

Norberto Ávila

A Luís Cajão
e Cândida Raposeiro

ARLEQUIM NAS RUÍNAS DE LISBOA estreou em Junho de 1992, no Salão Nobre do Teatro da Trindade - INATEL, integrado no ciclo "Peças Inéditas para 4 Actores".

Distribuição:

Libertina Vitalícia (Elisabete Piecho); **Marília** (Eva Cabral); **Alceu Beringela / Arlequim** (Figueira Cid); **Virginal Sacrista, Cornélio Beringela e Sebastião José de Carvalho e Melo** (Carlos Aurélio).

Figurinos (Paula Carreira); **Cenografia e Adereços** (Hernâni Saúde) - **Apoio Artístico** (José Carlos Barros).

Execução da Banda Sonora (Carlos Garcia); **Partitura Original** (Nuno Laginha).

Desenho de Luzes e Direcção do Espectáculo (Carlos Cabral).

PERSONAGENS:

VIRGINAL SACRISTA - sacristão da igreja de Santa Maria Madalena a Pecadora.

LIBERTINA VITALÍCIA - segunda mulher de Cornélio Beringela.

CORNÉLIO BERINGELA - cavalheiro de indústria.

ALCEU BERINGELA (por outro nome, ARLEQUIM) - filho de Cornélio Beringela.

MARÍLIA (a quem Arlequim chama COLOMBIANA).

SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO E MELO - Primeiro-Ministro do Rei D. José I.

A acção decorre em Lisboa, entre 1755 e 1759.

SUGESTÃO CENOGRÁFICA

Dado o assunto de que trata a comédia, melhor convém à sua realização a atmosfera da cena à italiana, verdadeira ou artificialmente recriada. Espaço cénico dividido em duas partes, sendo a da esquerda do espectador cerca de duas vezes maior que a outra. A primeira (interior) é uma sala. Porta à esquerda, para a rua. Porta ao fundo, com reposteiro, para outro compartimento. Ao lado, guarda-fato, com porta de dois batentes. Uma mesa, com dois bancos redondos. A segunda parte (exterior) é um quintal. Muro ao fundo e à direita. Neste lado, um portão e, logo a seguir, mais perto dos espectadores, um nicho, junto do qual há um poço, com roldana e corda. Por cima do muro, ao fundo, espreita parte de uma outra casa (a de MARILIA), cuja janela deita para este mesmo quintal. Também por cima do muro, junto ao portão, um ramo de árvore, sem folhas ou flores.

A luz surge primeiramente no quintal. E logo se revela o castigo infligido a uma imagem de Santo António de Lisboa, de madeira, com seu Menino Jesus, suspensa pelos pés na ponta da corda, sobre o poço.

Só depois se ilumina o interior da casa, no momento em que se afasta o reposteiro que cobre a porta do fundo. Entra primeiramente Libertina Vitalícia, abotoando a saia. Em seguida, Virginal Sacrista, abotoando o colete.

VIRGINAL - Conforme prometi a Vossa Mercê, não sairei desta casa "cliente" anônimo.

LIBERTINA - Acho muito bem. Para que nos conheçamos e reconheçamos mutuamente.

VIRGINAL (tomando a casaca de veludo que deixara sobre um banco) - O meu nome é Virginal. Virginal Sacrista.

LIBERTINA - E o meu é Libertina Vitalícia, como deve saber.

VIRGINAL (vestindo a casaca) - Sou sa-

cristão da igreja de Santa Madalena a Pecadora.

LIBERTINA - Ah, querida padroeira! Que coincidência.

VIRGINAL (tira umas moedas do bolso, que deixa sobre a mesa.) - Aqui tem o seu salário, com alguma generosidade.

LIBERTINA - Já por aqui têm passado outros de semelhante proveniência, e mesmo de maior compromisso com o ofício divino.

VIRGINAL - Disso não me espanto eu. Que já tenho visto altos dignatários eclesiásticos passeando amásias e cortesãs numa carruagem dourada do Patriarcado. E sei de um outro que colecciona livros desbocadamente licenciosos e caixinhas de rapé ornamentadas de miniaturas... eventualmente chocantes, digamos assim.

(Libertina recolhe da mesa as moedas. Conta-as e mete-as no bolso.)

VIRGINAL - Lá pela minha paróquia, felizmente, as coisas sempre são um pouco mais razoáveis.

LIBERTINA - O pároco não se passeia em

carruagem dourada... Isso não é para qualquer um.

VIRGINAL - O Reverendo Padre Basílio é um santo. Ele é que me encarregou de visitar umas tantas damas da qualidade de Vossa Mercê - quantas eu pudesse - propondo a todas elas o que vou agora explicar. (Pausa.) Que não fiquem com o dinheiro ganho nestas artes em dia de sábado, dia consagrado à Santíssima Virgem.

LIBERTINA - E então?

VIRGINAL - Que lhe façam chegar esse dinheiro, para que ele reze muitas missas em louvor de Santa Maria Madalena e por intenção de todas as mulheres que assim trabalham... deitadas.

LIBERTINA - Pois muito agradeço o conselho que me dá. (Vai buscar um pente e um espelho de mão e põe-se a concertar os cabelos.) Passarei a lá ir, à sua igreja, aos domingos. Levarei o dinheiro ganho na véspera, pela salvação da minha alma.

VIRGINAL - Não receie Vossa Mercê qualquer utilização indevida do seu dinheirinho. Ali não há disso. O Reverendo Padre Basílio é um santo. Um santo com to-

das as letras. Veja só este caso que lhe quero contar. (Do qual sou testemunha, aliás, porque o ajudava à missa.) Fez domingo oito dias. Chegou-se o momento da consagração. E logo depois, quando se preparava para consumir a hóstia, que vê o santo homem?, negrejando junto à brancura imaculada do corpo do Senhor? Uma repelente aranha, com mais de não sei quantas patas, toda felpuda, uma tarântula talvez... Venenosa, em todo o caso, disso tenho eu a certeza. (Pausa.) O Padre Basílio, sustentando o cálice nas mãos trémulas, empalideceu. E disse aos fiéis, decorrido um instante em que todos se perguntavam o que se estava a passar: "Caríssimos irmãos: Com a sua infinita sapiência, foi Deus servido submeter-me à mais dura prova. Na verdade, eis que me aparece agora neste cálice bendito, inexplicavelmente, uma tarântula, com todo o seu veneno, seguro passaporte para a morte certa. Que farei eu, caríssimos irmãos? Consagrada esta hóstia, terei de consumi-la, porque é o corpo do Senhor." Então a assembleia dos fiéis ergueu a voz

unânime, pedindo a Deus que salvasse o sacerdote. E este santo Basílio, santo já na vida terrena, sentiu na prece daquela multidão o mais vivo encorajamento! Levou o cálice à boca e consumiu a hóstia!

LIBERTINA - E a tarântula também?

VIRGINAL - Pois certamente. E a verdade é que não lhe aconteceu mal algum! O que logo foi considerado milagre insofismável, digno de figurar nos almanaques do próximo ano e nos livros de bom exemplo!

LIBERTINA - Caio das nuvens, senhor Virginal, com tamanhos prodígios! Esse homem merece realmente o meu salário do dia de sábado.

(Soam na porta da rua algumas pancadas. Simultaneamente, chama uma voz masculina.)

ARLEQUIM (fora) - Ó da casa! Ó senhor Cornélio Beringela!

LIBERTINA (baixo) - Isto quem será? Não conheço esta voz. (Alto.) Quem é?

ARLEQUIM - Quem é Vocemecê?, isso pergunto eu.

LIBERTINA - Pois não lho digo sem que Vocemecê diga o seu nome.

ARLEQUIM - Não mora aqui o senhor Cornélio Beringela?

LIBERTINA (hesitante) - Mora... Mas não está. Tem agora outra residência. Provisória.

ARLEQUIM - Mas que raio de conversa é esta? Abra-me Vossa Mercê, para que tudo se torne transparente!

LIBERTINA - Identifique-se primeiro. Não abro a porta a desconhecidos.

ARLEQUIM - Sou Arlequim!

LIBERTINA - Arlequim? Isso é nome de gente?

ARLEQUIM - O meu nome verdadeiro é Alceu!

LIBERTINA (baixo) - Ai.

ARLEQUIM - Sou o filho do senhor Cornélio Beringela!

LIBERTINA (a Virginal, baixo, numa atrapalhão) - É o meu enteado; que não conheço. Andou aí pela estranja. (Alto.) Já vou abrir! É só um momento!

VIRGINAL (baixo) - E agora?

LIBERTINA (baixo) - Meta-se aí nesse guarda-fato. Levarei o importuno até ao